



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



João Carlos do Couto Ramos Cavalcanti

Recortes da Vida e Obra de Norbert Elias

Monografia apresentada à Graduação em História da PUC-RIO como
requisito parcial para obtenção do título de bacharel em História

Professor orientador: Mário Ângelo Brandão de Oliveira Miranda

Rio de Janeiro, RJ

24 de junho de 2019

para *Aldinha*

Agradecimentos

Agradeço à querida professora e amiga

Flávia Maria Schlee Eyler

e ao querido amigo e orientador professor

Mario Ângelo Brandão de Oliveira Miranda

pela inestimável ajuda e incentivo que me deram.

Resumo:

A presente monografia explora aspectos da experiência pessoal e da carreira profissional do sociólogo Norbert Elias (1897-1990), com o objetivo de discutir algumas ideias formulada por este importante sociólogo alemão. Serão apresentados os principais conceitos sociológicos utilizados pelo autor e enfatizado o aspecto da importância do estudo do indivíduo como parte de uma configuração social, com a qual ele interage através de uma cadeia de interrelacionamentos. Como pontos mais relevantes serão comentados aspectos do processo civilizador e o fenômeno da descivilização, à luz das questões enfrentadas pela contemporaneidade.

Palavras-chave: Norbert Elias, Processo Civilizatório, Descivilização.

Sumário

Introdução	6
1. Aspectos da experiência pessoal e da carreira profissional de Elias	13
2. Principais conceitos	20
3. Civilização e descivilização	30
Conclusão	38
Referências bibliográficas	41

Introdução

Nesta monografia pretende-se discutir alguns aspectos do percurso histórico que configurou a constituição do mundo ocidental contemporâneo, tomando como ponto de partida ideias trazidas pelo sociólogo Norbert Elias (1897-1990). Diante da extensão e complexidade do tema, escolhemos acompanhar com este autor a implementação de mudanças nas estruturas de ordenação das relações humanas.

Neste caso, o autor escolhido introduz olhar peculiar sobre o que ele denomina *o processo civilizador*, cuja lógica se apoia nas relações entre a formação dos Estados Modernos e as suas novas demandas sociais, que redundaram em profundas alterações nos modos de convívio entre os membros de distintas sociedades. Em síntese, trata-se de um processo de transformação de longo prazo em que as estruturas de personalidade e comportamento individuais foram sendo lentamente alteradas. Um processo de desenvolvimento histórico cuja característica é o refinamento das ações e a introspecção delas pelo indivíduo (ELIAS, 1994, p.48, 73, 189).

Para Elias, mudanças no setor da agricultura, da produção de bens e circulação de novas mercadorias, ultrapassaram a dimensão meramente econômica e atuaram fortemente nos comportamentos sociais. Sem desconsiderar ações e escolhas de sujeitos singulares em seus mundos particulares, Norbert Elias sinaliza o alcance daqueles aspectos sobre o ordenamento da coletividade. Segundo este autor, as forças econômicas e políticas não podem ser analisadas isoladamente já que ao constituir também violências que geram tensões específicas no tecido social são capazes de provocar lentas transformações.

As classes influenciadas pela divisão do trabalho em lenta expansão e pela monetização se expandiam; as demais permaneciam estacionárias e eram atraídas apenas a contragosto e quase que passivamente para a corrente das forças de mudança. ... as condições de vida dos pequenos proprietários e dos cavaleiros só mudaram com muita lentidão. (Elias, vol. 2, 1993, p.69)

Elias não classifica a passagem do feudalismo para o capitalismo como razoável, racional ou irracional. Ao denominar tal passagem como processo civilizatório ele não identifica causas determinadas ou determinantes, mas reconhece que a “civilização” se movimenta pela dinâmica viva de uma rede de

relacionamentos que moldam formas de convivência às vezes consensuais e outras vezes impostas.

... o surgimento de novas unidades de integração (e de governo) sempre é expressão de mudanças estruturais na sociedade, ou seja, nas relações humanas. Em todos os casos em que o centro de gravidade da sociedade se move rumo a unidades de integração de uma nova ordem de magnitude, ... em todas as ocasiões em que essas mudanças ocorrem, elas o fazem em conjunto com funções sociais que se tornaram mais diferenciadas e com cadeias de ação social organizada, militares ou econômicas, que se tornaram mais longas. (Elias, 1993, vol. 2, p.83)

Nesse sentido é que este autor apresenta conceitos de cultura e civilização (a serem discutidos no capítulo 2) associados a diferentes costumes e formas com que os homens lidam com seus corpos tanto de modo pessoal, quanto social e sexual. E tais condutas, singulares e coletivas, acabam por formar uma teia complexa cujo alcance vai muito além do autocontrole dos homens sobre suas paixões e desejos. Esses comportamentos, com o tempo, tornam-se parte da sociedade e ao se enraizarem nas próprias instituições sociais, dão forma aos estados modernos que atuam com seus mecanismos de controle muitas vezes violentos.

Embora o assunto de suas obras mais importantes (“O Processo Civilizatório”, 2 vols. e “Os Alemães”)¹ já fosse objeto de suas pesquisas de longa data, a efetiva realização das obras se deu num ambiente em que questões sobre raça e as discussões sobre os conceitos de civilização e barbárie estavam muito presentes no cenário intelectual. Discussões sobre “raça superior” ao lado de “espécies humanas” mais propensas a produzir o “homem civilizado” se contrapunham ao reconhecimento de “raças inferiores” marcadas pela barbárie.

Tanto o ambiente de final da *belle époque*, às vésperas do início da Primeira Guerra Mundial – um contexto histórico em que se vivia num clima marcado pela sensação de prosperidade crescente –, quanto o período de crescimento do nazismo alemão na década de 30 do século passado, marcado pela aplicação de lei racial que

¹ Nesta monografia trabalho com:

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Volume 1: uma história dos costumes. 2.ed. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 2011 (novo projeto);

O Processo Civilizador. Volume 2: formação do estado e civilização. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1993;

Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do *habitus* nos séculos XIX e XX, Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

consolidou a perseguição aos judeus, foram circunstâncias históricas indissociáveis da obra de Elias.

Dentre os estudos que Norbert Elias nos apresenta escolheremos aquele que nos permite traçar um recorte mais preciso de dados de natureza histórica, sociológica e da evolução dos costumes, ligado ao processo verificado na Alemanha. Tendo desenvolvido em sua obra ideias a respeito da formação do estado moderno nos principais países europeus como França, Inglaterra e Alemanha, Elias analisa ao mesmo tempo o desenvolvimento do processo civilizatório naqueles países, o qual redundou em profundas alterações nas formas de convívio entre os membros da sociedade.

Em obras (“O Processo Civilizatório”, 2 vols. e “Os Alemães”) em que a erudição das exposições e a riqueza das argumentações, sempre colocadas em prosa elegante e clara, tornam a leitura um prazer, Elias traz para o leitor dados de natureza histórica, sociológica e do processo de evolução dos costumes na sociedade ocidental, elucidativos de aspectos da vida social que moldaram o comportamento humano nos últimos cinco séculos; explora, relata e analisa um processo histórico de longa duração.

Estas características de sua escrita, tanto formais quanto de conteúdo, nos despertam o interesse por conhecer também um pouco mais sobre a trajetória do homem Elias. O desejo de saber melhor a respeito tanto sobre o lado pessoal de sua vida quanto sobre a evolução de sua trajetória intelectual e formação profissional advém de uma curiosidade natural, despertada por uma personalidade cuja fama e reconhecimento chegaram em estágio bastante avançado de sua carreira.

Desta forma, uma breve descrição desses aspectos será desenvolvida ao longo do capítulo 1 desta monografia, com o propósito de fazer uma ligação entre as experiências pessoais e a origem do trabalho de um escritor que trouxe ideias criativas e provocadoras para o ambiente da história e da sociologia.

A relevância dos temas propostos por Elias prende-se ao fato de que a evolução do processo civilizatório por ele descrito se expandiu e se expande não só verticalmente, abrangendo outros países além daqueles anteriormente mencionados, mas também no sentido horizontal, procurando aprimorar o convívio entre os países mais desenvolvidos. Estes últimos, mas não só eles, parecem estar constantemente envolvidos na luta pelo poder e pela liderança, seja em termos

regionais seja em termos mundiais, e nesse processo volta e meia tomam atitudes e assumem comportamentos que beiram a barbárie.

Neste aspecto a ideia de progresso, seja material, espiritual, moral, ou de qualquer outra natureza ligada ao desenvolvimento da raça humana, começa a se confundir ante nós com uma quantidade de imagens dos tempos modernos – mais especificamente dos primeiros anos do século XXI –, que se parecem melhor com cenários de passados distantes que gostaríamos de apagar da história do homem.

Volta e meia a ideia de barbárie reaparece e tem levado pensadores a discutir o significado do termo no contexto do momento atual que vivemos. O filósofo francês Jean-François Mattéi² (1941-2014) aborda na sua obra “A barbárie interior. Ensaio sobre o i-mundo moderno” (2002) o conceito de barbárie através de um longo período histórico que vem de Homero à atualidade, através de uma visão interdisciplinar, passando por referências à poesia, à filosofia e à sociologia, num estilo que nos faz lembrar a forma de Elias expor suas ideias.

Este autor argumenta que o estado de barbárie não é algo que vem de fora e invade o homem civilizado, que o assalta quando ele se torna arrogante em função de sua capacidade racional. Ele considera que ela já está inserida no homem civilizado, e ao contrário do racionalismo otimista da modernidade, que vê o homem como um ser racional submetido aos assaltos eventuais dos atos de barbárie. As duas condições já fazem parte de um todo: destruição, pilhagem, saques e assassinatos não seriam resultado de um estado de barbárie oposto a um estado de modernidade; ambas, civilização e barbárie são as duas faces de uma única humanidade.

Para Mattéi

... frente a uma virtualização dos espaços democráticos pela diminuição do espaço público, com a sobreposição do privado sobre este, torna-se inevitável o desmantelamento da civilização em barbárie, onde a postura totalitarista de esquerda e de direita é a consequência mais exemplar, lógica e direta deste processo. (Mattéi, 2002, p. 160)

No entanto, Mattéi acena com uma possibilidade de saída para o impasse da fuga da barbárie, cujo campo de atuação cresce com a sobreposição do lado privado

² Filósofo francês, (1941-2014), professor de filosofia grega e filosofia política, nascido em Argel, cuja obra envolve o estudo da moral e dos pressupostos da ética. Define a barbárie interior como “a impossibilidade de receber a verdade em função de que o fechamento do homem nele mesmo não deixa espaço para qualquer abertura”.

da vida ao espaço público de atuação do homem. Ele apresenta como uma possibilidade de escape da barbárie o fato de que a barbárie natural não chega a ocupar a totalidade do homem, que há sempre um espaço ocupado pela razão, deixado para o mergulho no individualismo e para a preservação de uma área interior do indivíduo que ficaria preservada de atitudes bárbaras, onde por exemplo, se poderiam inserir ações para o progresso da democracia e da cooperação entre os indivíduos. Aqui o autor deixa um tom de otimismo para estimular as discussões futuras.

Entretanto, o momento atual nos leva a pensar que ao longo do tempo, em diversos aspectos e em diferentes sociedades, o que se observa, a despeito das fases de acelerado progresso material vividas periodicamente, é o aparente retorno através do caminho da descivilização, que inexplicavelmente surge como ameaça às realizações prometidas pelas ideias dos iluministas.

Neste início do século XXI, a tentativa de estudar, discutir e conhecer um pouco mais a respeito deste tema está sendo estimulada entre outros aspectos pela verificação diária, através dos jornais, dos noticiários de televisão e de outras mídias, dos barbarismos e dos horrores da vida cotidiana; cenas tão chocantes, de tamanha força e tão incontestáveis que chegam a abalar nossas esperanças de progresso e melhoria social. Os cenários de contínuo progresso da vida em sociedade, que os filósofos do iluminismo descreveram através de sua crença na capacidade de concretização de um destino de realizações positivas traçado pelo homem racional, já se mostram para nós quase inatingíveis se iniciativas de diálogo, entendimento e cooperação não forem exploradas pelas sociedades mais intensamente.

Em nossos dias percebe-se que o processo civilizatório toma contornos de uma preocupante volta periódica à barbárie primitiva e que, com o desenvolvimento da ciência e de suas aplicações tecnológicas, contraditoriamente, atingiram-se altos patamares de eficiência dos métodos de destruição – inclusive do meio-ambiente – impensáveis até algumas décadas atrás.

O processo civilizatório já parece conviver crescentemente com o seu avesso, que Elias identificou como uma forma de descivilização. O pensamento de Norbert Elias nos leva por vezes a considerar que a crença iluminista nos poderes crescentes e universalmente benéficos da civilização e do progresso pode passar periodicamente por abalos vigorosos, retratado nos cenários de horror e barbárie

que a própria razão ajudou a construir. Ele adverte que é preciso ao homem estar sempre atento para a importância do equilíbrio entre os processos internos de auto-regulação e dos mecanismos externos de controle do Estado.

Nesse sentido torna-se lícito pensar se o esforço que a preservação dos costumes, como força capaz de assegurar o equilíbrio das demandas sociais, apresentou de fato eficácia importante ou teve seus efeitos limitados, a ponto de os Estados modernos necessitarem de lançar mão de dispositivos de crescente violência para controlar e/ou educar seus cidadãos.

Ou seja, valeria igualmente discutir no contexto do processo civilizatório se o seu próprio desenrolar natural é suficiente para assegurar aos homens uma vida em paz e harmonia duradouras? Ainda tem sentido acreditar que o desenvolvimento da ciência e suas aplicações de fato conduzem a um mundo mais justo e pacífico? Será o emprego da violência uma condição necessária para garantir um nível aceitável de civilidade?

Estes são temas que nos fazem pensar nas ideias organizadas por Norbert Elias e que pairam sobre o mundo contemporâneo levando os homens a analisá-las com o objetivo de visualizar algum cenário que possa nos afastar efetivamente da barbárie primitiva.

Esta monografia se estrutura em 3 capítulos. No capítulo 1 – “Aspectos da experiência pessoal e da carreira profissional de Elias” –, as questões da vida pessoal e da carreira profissional vão-se entrelaçando, nem sempre respeitando a cronologia, mas seguindo uma ordem cujo objetivo é ressaltar fatos e momentos marcantes da existência do autor.

Aqui vão-se comentar alguns aspectos da experiência de vida de Elias, suas origens, os caminhos por ele percorridos tanto no relacionamento familiar quanto na carreira acadêmica e profissional; observa-se como as circunstâncias fortuitas combinadas a algumas decisões de caráter pessoal podem conduzir a vida humana a situações surgidas das teias de relações e inter-relacionamentos na sociedade, muitas vezes independentemente dos desígnios formulados pelos homens individualmente.

No capítulo 2 – “Principais Conceitos” – serão apresentados alguns conceitos por ele empregados, os quais vão imprimir um modo particular de entender a vida em sociedade e suas características mais marcantes. A importância do papel das

ações individuais dos homens e as influências das ações determinadas pelas sociedades em conjunto, pelas suas estruturas, pelo coletivo, parecem conduzir Elias a pensar que tudo e todos estamos ligados através dos diversos campos onde se desenrola o processo da vida. Conceitos fundamentais tais como, *configuração*, *processo de longa duração*, *homo clausus*, *kultur*, *civilization*, *habitus* conforme formulados por Elias serão aqui explicitados e comentados.

O capítulo 3 – “Civilização e Descivilização” – aborda a questão do processo civilizatório ao lado do tema da descivilização, tratado mais recentemente não só por Elias, mas também por outros autores que aproveitaram este mote para discutir os caminhos que a razão e a ciência estariam a nos mostrar com diferentes graus de sucesso. A análise que Elias faz a respeito do surgimento do nazismo na Alemanha, que se prende a características próprias da formação do povo alemão, deve ser o ponto de partida para a tentativa de entendimento do assunto.

Capítulo 1 – Aspectos da experiência pessoal e da carreira profissional de Elias

Até deixar a posição de um intelectual marginalizado no início dos anos 70 do século passado para tornar-se o cientista social amplamente reconhecido e valorizado pela originalidade e excelência de sua vasta obra, Elias percorreu uma trajetória que o lançou de Breslau, antiga cidade alemã que hoje pertence à Polônia, para o exílio.

Viveu em Breslau até 1924, onde desenvolveu estudos em filosofia e medicina e defendeu sua tese em filosofia. A partir deste ano se fixou em Heidelberg para continuar os estudos. Em Heidelberg, por ele considerada a meca da sociologia, desenvolveu interesse por esta matéria, envolvendo-se com Max Weber, Karl Weber e principalmente com Manheim, que lhe despertou a atenção pela emergente ciência da sociologia.

Filho de uma família burguesa de judeus alemães, voltados para a disciplina no trabalho e a valorização das atividades intelectuais, seu pai era um empresário ligado à indústria têxtil. Viveu a juventude durante o período da ascensão do nazismo³ e em 1933, Elias deixa a Alemanha. Partiu para a Suíça e depois para a França, e de lá, em 1935, refugiou-se na Inglaterra, onde exerceu tarefas menores até conseguir em 1954 a posição de *lecturer*⁴ no departamento de Sociologia da Universidade de Leicester. Aqui, em 1956, com 59 anos, tornou-se professor, passando a conviver com Anthony Giddens⁵, John Goldthorpe⁶ e Ilya Neustadt⁷.

Elias já havia passado por experiências no exército alemão em 1915 durante a Primeira Guerra Mundial, e embora não tivesse participado de batalhas, foi

³ Seu pai faleceu em 1940 e sua mãe em 1942, ambos vítimas da perseguição nazista.

⁴ O termo *lecturer* designa um nível hierárquico inicial, próprio da carreira de professor universitário cujo significado varia de país para país. No Reino Unido, em particular, se refere a um especialista acadêmico, geralmente um jovem professor, contratado para realizar, em tempo integral ou tempo parcial, trabalhos nas áreas de ensino, pesquisa ou função administrativa relacionada.

⁵ Sociólogo inglês (1938-) formulador da teoria do estruturalismo, que consiste no estudo do papel da ação das estruturas e dos agentes individuais na formação e reprodução dos sistemas sociais. A partir destes estudos Giddens não chega a atribuir a primazia a qualquer dos dois elementos, privilegiando a visão do conjunto em relação à análise do todo em partes.

⁶ Sociólogo inglês (1935-) cujo campo principal de interesse está relacionado com estratificação social e mobilidade. Em particular questiona o crescimento do nível educacional como um dos principais fatores que ensejam o aumento da mobilidade social numa sociedade capitalista liberal.

⁷ Sociólogo (1915-1993) nascido na Rússia, teve uma grande influência no desenvolvimento da sociologia na Inglaterra. Lecionou sociologia na Universidade de Leicester e na Universidade de Gana. Em ambos estes lugares conviveu com Elias e teve importante atuação no reconhecimento do trabalho intelectual deste último.

voluntário e serviu nos fronts ocidental e oriental envolvido em sistemas de comunicação. Declarado inapto ao serviço militar em 1917, ingressou na Universidade de Breslau para estudar filosofia, psicologia e medicina.

Passou em 1919 e 1920 períodos nas Universidades de Heidelberg e Freiburg. Após a guerra trabalhou numa indústria de fundição de ferro.

Foi psicanalisado em Londres ao longo de vários anos pelo psicanalista Fuchs, que conheceu em Frankfurt. Juntos, e acompanhados por diversos outros psiquiatras, iniciaram a organização do processo que depois veio a denominar-se psicanálise de grupo.

Elias reconhecidamente apresentou uma contribuição relevante na criação da *Group Analytic Society*, tendo recebido a formação necessária para inclusive dirigir ele próprio as atividades de tratamento de alguns grupos. A sua ideia de que não se pode separar o indivíduo da sociedade de que faz parte, foi fundamental na orientação desta técnica de análise.⁸

Iniciou sua vida como intelectual formando-se em filosofia, e sempre preocupado em entender melhor a respeito da noção de indivíduo como ser que vive em sociedade, logo percebeu que o modo como os estudos filosóficos lidavam com esta noção não lhe satisfaziam. Considerava que a tradição filosófica ocidental tratava o indivíduo de modo isolado; o indivíduo era considerado como uma entidade despregada da realidade social, como originalmente não inserido e não participante da sociedade. Era como algo que vinha de fora, quase que pré-moldado, e de repente, até então não afetado pelo convívio social, era inserido na sociedade e dela passava a fazer parte relacionando-se com os demais seres humanos.

Para Elias era inconcebível tratar o homem desta forma, isolado da realidade social. Ele não vem pronto e é acabado no contato com seus semelhantes. Ele é de fato formado no entrelaçamento das relações das quais participa, se forma nesta teia de contatos e relacionamentos, praticamente passa a existir a partir de suas relações com o outro e com os grupos, a partir de sua inserção em diferentes redes de indivíduos, relações estas que são específicas de cada sociedade e diferem de umas para outras.

A filosofia tratava a noção de indivíduo como sendo uma entidade isolada da rede social, e Elias ao contrario só entendia o indivíduo como integrado a um

⁸ Principais informações biográficas colhidas de KIRSCHNER, Teresa Cristina. **Lembrando Norbert Elias**, in Textos de História, vol.7, nº 1/2, 1999.

conjunto de inter-relacionamentos. Era preciso formular conceitos que levassem em contar a integração do indivíduo a um sistema de interdependências.

Na minha tese, inteiramente redigida em estilo filosófico, (...) eu já tinha expressado claramente minha convicção de que a noção tradicional do homem tomado isoladamente, a noção de indivíduo, devia ser repensada. Fazer o indivíduo sair de seu isolamento no pensamento e integrá-lo em um modelo conceitual que o inscreve em uma cadeia de gerações, em uma sucessão, consistiu sempre, me parece, uma das missões da sociologia. (Elias, apud Kirschner, 1999, p.35)

O indivíduo não ingressa numa sociedade como algo vindo de fora, e que então começa a se relacionar com os demais seres humanos. Ao contrário, ele apenas existe, apenas se define, em contato com o outro, na relação com os demais seres humanos.

Tendo estudado medicina após a obtenção de seu diploma em filosofia, percebeu através das aulas de anatomia, que as complexas relações existentes no cérebro humano constituíam a estrutura base para se considerar a existência de um mundo interior, do mundo do *a priori*, da esfera das ideias, separado do mundo exterior.

Mas ao voltar-se para a sociologia percebeu que não existe de fato separação do indivíduo com o mundo exterior, o indivíduo não está enclausurado – *homo clausus* – com relação ao mundo exterior. Ele se define justamente na sua relação com o mundo exterior, com aquilo que não é ele mesmo. Na sua relação com outros objetos, com outros homens, e não com na sua relação com ele mesmo.

Neste processo de reconhecimento da “impotência relativa do sujeito”, de sua crítica ao conceito do *homo clausus*, reside a linha mestra do pensamento de Elias. (Kirschner, 1999, p.35)

Em 1924, Elias, em busca de conhecimento sobre estudos relacionados aos aspectos sociais, e já bastante envolvido com o movimento sionista alemão, começa a interessar-se pela sociologia, já tendo concluído os doutorados em filosofia e psicologia. O interesse pela sociologia levou-o a frequentar as aulas de Alfred Weber. Em 1930 tornou-se assistente de Karl Mannheim ⁹, transferindo-se com ele para a Universidade de Frankfurt.

⁹ Sociólogo nascido na Hungria, de pais judeus (1893-1947) e foi, na primeira metade do século XX, um dos fundadores da sociologia clássica. Principal teórico da teoria do conhecimento, Mannheim estudou a relação entre o conhecimento humano e o contexto social no qual ele é

Teve formação, como já indicado, nas áreas de medicina, filosofia, psicologia e sociologia. Os interesses por conhecimentos tão diversos nestas diferentes disciplinas estavam sempre ligados ao propósito de entendimento de assuntos ligados à sociologia, seu grande tema de interesse. Lecionou nas universidades de Frankfurt e de Heidelberg e chegou à África, em Gana, em cuja universidade lecionou sociologia no início da década de 1960 por dois anos.

A partir da década de 1960 Elias passou a receber convites de universidades europeias para atuar como professor visitante. No entanto, apenas em 1984 fixou-se na Holanda, onde formou um círculo de alunos que trabalhavam com ele em sua linha de pesquisas.

Seu trabalho se dedicava primordialmente a estudar os processos de longa duração, o que na ocasião era considerado um assunto marginal. Poucos dos discípulos que o acompanhavam se dedicaram a seguir este caminho, de resto pouco popular e atrativo, mas mesmo assim Elias perseverou na defesa de suas proposições nesse campo de estudos.

Suas ideias totalmente originais, que tanta oposição despertaram num período em que inovações não eram facilmente consideradas, que dirá aceitas, – inclusive por grande parte das gerações de estudantes mais jovens –, chegaram a ser tratadas com hostilidade no meio acadêmico. Mas Elias se negou a fazer concessões intelectuais e continuou marginalizado, recusando-se a aceitar ou repetir os modismos da época.

A sua experiência de vida, de uma riqueza pouco encontrada, e os conhecimentos teóricos adquiridos, proporcionaram-lhe uma visão de mundo e uma erudição tão amplas que não foi por acaso que, entre outras características, Elias era considerado excelente professor. A originalidade de suas ideias e a clareza de seus argumentos lhe asseguravam segurança inabalável na defesa de suas teses. Era dono de uma autoconfiança enorme, baseada no fato de que suas proposições eram suportadas por uma rica erudição: a partir dessas condições formaram-se as bases para acreditar na dimensão interdisciplinar das ciências sociais.

produzido, assim como os efeitos que as ideias predominantes em cada época provocam sobre a sociedade. Estava interessado conhecer de que modo a vida social se relacionava com a produção intelectual, com o pensamento, e em elaborar um método para estabelecer como os homens pensam quando agem na vida pública, na política, na ação coletiva. Para Mannheim pertencemos a um grupo porque vemos o mundo e certos aspectos do mundo da mesma forma como os demais elementos deste grupo também os veem.

Ao final dos anos 1920 ao se transferir para Frankfurt, acompanhando Mannheim, concentra-se nos estudos para reformular certos conceitos da sociologia e desmitificar ideias com que já não podia mais conviver. Nesse período aproveita para apresentar suas concepções sobre as redes de interdependências que unem todos os indivíduos uns aos outros num fenômeno de dependências recíprocas, conceito que permeia as suas obras mais importantes.¹⁰

Na sua estada em Frankfurt passa a perceber a realidade do antissemitismo e as privações impostas à população judia, tanto de natureza material quanto de cunho intelectual, que travavam quaisquer expectativas de sobrevivência pessoal. Com a ascensão do partido nazista na Alemanha, parte para a França, deixando sua mãe em sua terra natal; ela morreria posteriormente em 1942 no campo de concentração de Treblinka. Este episódio de separação marcaria a vida de Elias, que morreu sem se casar ou ter filhos.

Elias produziu uma vasta obra intelectual e abordou diversos temas ligados principalmente ao campo da sociologia, mas não só. Pesquisou muitas questões diferentes, que envolveram temas tão variados quanto os costumes e os comportamentos na idade moderna, a gênese do Estado ocidental, as diferentes concepções sobre o tempo, o conceito de vida quotidiana, a questão do símbolo, o viver e o morrer e o esporte enquanto tema sociológico. Apesar desta variedade de assuntos, todas as suas pesquisas, sejam elas de caráter histórico ou sociológico, seguem um mesmo eixo de preocupações e, de fato, estão intimamente relacionadas.

Dono de uma vasta produção intelectual, Elias não seguia o costume de muitos historiadores de apresentar em suas obras, antes de iniciar seus argumentos sobre os temas que pretendia abordar, uma revisão da literatura ou uma apresentação dos debates contemporâneos. Ele partia diretamente para o objeto da sua pesquisa e deixava para seus leitores a tarefa de pesquisar as eventuais aproximações e afastamentos com relação a outras abordagens sobre o assunto.

¹⁰ ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Volume 1: uma história dos costumes. 2.ed. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 2011 (novo projeto);

O Processo Civilizador. Volume 2: formação do estado e civilização. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1993;

Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do *habitus* nos séculos XIX e XX, Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

A parcimônia de referências bibliográficas contemporâneas em suas obras dava margem a comentários de que era um autor desatualizado, ao que Elias retrucava afirmando que as pessoas que o criticavam tinham o fetiche pelo novo: um livro antigo podia ser ainda a melhor referência para o tratamento de um determinado tema, da mesma maneira que livros novos não representavam avanços apenas porque eram novos. (Kirschner, 1999, p.)

O interesse acadêmico pela obra de Norbert Elias surgiu em função do sucesso alcançado pelo livro *O Processo Civilizador*, publicado em 2 volumes e escrito em 1939 em alemão. Mas foi de fato com sua republicação em inglês em 1969 que a obra e o autor ganharam notoriedade.

Mas em sua obra derradeira “Os Alemães”, Elias desenvolve, a partir do estudo da formação do *habitus* do povo alemão, e com base em seus conceitos anteriormente colocados, ideias que nos permitem dar um passo na direção das possibilidades futuras do homem na vida em sociedade.

No capítulo seguinte resumiremos os conceitos nelas desenvolvidos, os quais podem nos conduzir a elucubrar sobre alguns aspectos das noções de civilização e descivilização.

Elias possuía uma visão global do homem que vai de encontro àquela em que os diversos aspectos particulares do indivíduo são encarados e estudados separadamente. Para ele não faz sentido analisar apenas o lado da atuação política ou da experiência da vida econômica da pessoa, ou seja, olhar apenas a partir de um só ponto de vista para uma pessoa e com esta visão unilateral compor o entendimento desta pessoa. É inconcebível segmentar um indivíduo formado de uma variada complexidade de aspectos, e estudar cada um deles separadamente, para tentar entender seu comportamento social.

Ele priorizava a síntese e não a divisão das pessoas e das sociedades em compartimentos rígidos e estanques, onde as comunicações e relacionamentos se encontrassem de alguma forma bloqueados. Daí surge a sua insatisfação com a filosofia, com o modo de a filosofia encarar a formação da personalidade do homem, tratando-o afastado do convívio social, como ser composto de forma autônoma e independente. Daí suas críticas às multiplicidades de divisões em que a ciência social foi-se desmembrando, em especializações cada vez mais específicas, – psicologia, história, sociologia – que no fundo serviram para

prejudicar o conhecimento de realidades que só podem ser compreendidas quando analisadas em conjunto, mesmo que por meio de instrumentos diversos.

Preocupava-se com o desenvolvimento de um método e de uma linguagem que pudessem se ocupar do estudo das ciências humanas, reconhecendo as suas especificidades com relação às ciências exatas. As ciências que tratam do estudo das relações entre os seres humanos, os quais também fazem parte das ciências naturais, – apesar de apresentarem diferenças quanto as formas de estrutura que envolvem seus componentes e as formas como eles se transformam e evoluem, – necessitavam de instrumentos específicos para permitir um tratamento científico apropriado para os fenômenos humanos.

Para Elias era preciso estabelecer uma terminologia e um método próprio, de caráter científico, para o conhecimento das relações humanas. As ciências humanas, sem dúvida possuem peculiaridades que as diferenciam das ciências exatas, das ciências naturais, mas não se deve esquecer que os seres humanos também fazem parte da natureza.

Elaborou e escreveu, a partir de pesquisas sobre as relações formadas pelos seres humanos dentro de uma teia de contatos e convivências no campo social, sobre a forma como evoluíam e as diversas configurações que iam apresentando, seguindo a longa duração do tempo, sobre os aspectos sociais, seu constante movimento, sua marcha, e desta forma elaborou o seu caminho na direção do processo civilizador.

Neste caminho se serviu de conceitos novos, originais, para dar conta de explicar um processo de mudanças sociais que se desenrolou num prazo de longa duração, que trouxe alterações determinantes nas relações entre os seres humanos. Este processo ainda flui e apresenta configurações sociais surpreendentes à medida que se desenvolve em cada sociedade específica.

Definiu o que seria uma configuração social e mostrou a importância de analisar as mudanças e evoluções percebidas no campo social, dentro de um processo que se desenvolve na longa duração e no qual as mudanças e alterações nas configurações sociais se tornam mais facilmente percebíveis e analisáveis.

Trouxe sua contribuição para a caracterização do conceito de *habitus*, e o empregou com muita clareza para explicar o processo de formação do povo alemão. Redefiniu também os conceitos de cultura e civilização com base nas recentes experiências de formação do Estado na França e na Alemanha.

Capítulo 2 – Principais Conceitos

Talvez o mais importante conceito elaborado por Elias para a compreensão dos fenômenos sociais seja o de *configuração*, que define uma rede de ligações de pessoas interdependentes que se encontram em contato entre si em diferentes níveis e de diferentes maneiras, formando uma teia de relacionamentos. Através do conceito de configuração o autor rompe com a ideia de pensamento fragmentário e procura uma articulação interdisciplinar entre os diferentes campos de conhecimento. Rompe com o conceito de que os indivíduos são unidades fechadas e autônomas.

As ações realizadas por pessoas interferindo umas com as outras formam uma estrutura entrelaçada de onde emergem relações de força e eixos de tensão que adquirem uma dinâmica própria. Nesse conjunto dinâmico de lutas e tensões individuais se desenvolve um processo que ao mesmo tempo estrutura uma configuração e é transformado por ela. A configuração nasce do resultado não planejado e não previsível de inúmeras ações não intencionais de grupos e indivíduos, e apesar de não planejada, adquire uma estrutura determinada. A sociedade se define e se modela a partir do movimento das configurações.

Através do conceito de configuração a sociologia se utiliza de outras disciplinas para entender o ser humano dentro de uma rede de interdependências. Ela articula elementos da história, da sociologia e da psicanálise para compreender o ser humano dentro de uma rede de relações e interdependências. Não se pode pensar o indivíduo sem estar em uma rede social, e a sociedade, sem o recalçamento das pulsões e afetos.

A configuração evolui em um *processo de longa duração*, que não é formado de modo intencional, mas que, continuamente em fluxo, resulta de ações intencionais realizadas por inúmeros grupos e indivíduos: na Europa, a dinâmica da configuração social a partir de Idade Média assumiu para Elias a forma do processo civilizador.

Elias empregou o conceito de configuração em oposição à ideia de *homo clausus*, que segundo ele caracterizava o panorama das ciências sociais ao final do século XIX e início do século XX. O *homo clausus* não definia o homem como um ser incluído na sociedade; homem e sociedade eram conceitos que apresentavam

características autônomas um do outro. O homem se formava independentemente da sociedade, não adquiria suas características pessoais a partir do convívio social. (Kirschner, 1993, p.36)

Segundo Elias existiria, para a filosofia, o conceito de mundo exterior em contraposição ao de mundo interior, ao mundo das ideias e concepções transcendentais que se formavam a priori, antes do ingresso do indivíduo na esfera do social, do convívio com os semelhantes.

Por outro lado, através do conceito de configuração, como já comentado, Elias entendia o indivíduo como em contraposição ao humano estudado pela filosofia. Os seres humanos têm suas vidas formadas dentro de configurações sociais que constituem em conjunto uns com ou outros. São interdependentes e as configurações se formam e se modificam de acordo com dinâmicas próprias, dinâmicas nas quais os papéis individuais têm valor significativo, mas não representam isoladamente o fator determinante na evolução do processo social.

Ações humanas intencionais individuais por si só não chegam a determinar grandes movimentos sociais; os processos sociais são construídos a partir do entrelaçamento de ações e planos intencionais de uma rede de pessoas sem que nenhuma delas os tenha planejado individualmente.

Para Elias não há separação entre indivíduo e sociedade.

Outra consideração importante trazida por Elias diz respeito aos *processos de longa duração*. As mudanças sofridas pelas sociedades ao longo do tempo só podem ser percebidas através do estudo de grandes períodos de tempo, de modo diacrônico, onde se pode perceber a evolução dos fenômenos. Apenas nesses intervalos maiores é possível notar mudanças que podem passar despercebidas na análise de intervalos menores, em intervalos sincrônicos.

O que muda no curso do processo que denominamos de história são as relações mútuas, as configurações de pessoas e a modelação que o indivíduo sofre através delas. Mas, no exato momento em que essa historicidade fundamental do homem é vista claramente, percebemos também a regularidade, as características estruturais da existência humana, que permanecem constantes. Cada aspecto isolado da vida social apenas é compreensível no contexto desse movimento perpétuo. Nenhum detalhe pode ser isolado dele. Forma-se nesse contexto móvel – que pode parecer lento, como no caso de muitos povos primitivos, ou rápido, como no nosso – e ele deve ser apreendido, como parte de um estágio ou onda específicos. (ELIAS, 1993, p. 231)

Nestes intervalos de menor duração podem se tornar obscuras as noções de processo, o caráter de movimento, e Elias aponta que é somente através da noção de movimento que se podem perceber os fenômenos históricos, as transformações sociais, uma vez que estas se encontram em fluxo constante.

O conceito de *habitus*, que Elias usou antes de ter sido extensamente empregado por Bourdieu¹¹, encontra-se intimamente relacionado à definição de configuração social, ideia mestra da teoria social de Elias a respeito da formação e do desenvolvimento dos indivíduos e das sociedades. Conforme já esboçado, os indivíduos e as sociedades se formam a partir de relações sociais que se estabelecem entre eles no campo de interdependências.

A configuração social tende a moldar os indivíduos, e a partir deste processo de interdependências se formam os *habitus*, características incorporadas ao longo da vida em sociedades que refletem a forma como os indivíduos são socializados e as experiências vividas ao longo do processo de socialização.

O *habitus* reflete o modo como a cultura e a história da sociedade moldam o indivíduo fisicamente, estruturam a sua forma de pensar e definem a sua ação social em dado contexto. Ele se refere à capacidade de uma determinada estrutura social ser incorporada pelo homem influenciando sua maneira de ser, ou seja, de pensar, de agir, de sentir.

Os *habitus* variam de acordo com as classes sociais e os gostos característicos de cada uma delas. São importantes definidores da posição que o indivíduo ocupa na sociedade, separando as pessoas por estilos de vida, práticas sociais (difere requinte da vulgaridade), posição econômica, e outros sinalizadores sociais.

Este conceito também foi usado por Elias para contornar a noção de rigidez trazida pela ideia de “caráter nacional”, na qual ficava pouco visível a noção de movimento, ainda que num processo de longa duração. Na medida em que as experiências dos indivíduos membros de uma nação se alteram ao longo do tempo, e com isso provocam mudanças em seu *habitus*, há um equilíbrio entre mudança e permanência embutido nesse conceito.

¹¹ Pierre Bourdieu (1930-2002) sociólogo francês (filósofo de formação) professor da Escola de Sociologia do College de France e um dos autores mais lidos do mundo nas áreas de antropologia e sociologia. Sua contribuição intelectual abrange os mais diversos campos do conhecimento humano, tendo publicado obras sobre temas como cultura, literatura, política, linguística, arte, mídia, educação. Desenvolveu pesquisas sociológicas na França e na Argélia, onde teve destacada atuação intelectual.

O conceito de *habitus*, que os dois autores, Bourdieu e Elias, empregam se presta para estabelecer de modo mais nítido a relação entre indivíduo e sociedade, indivíduo e estrutura, que ao longo da tradição sociológica, ora concede a um ou a outro a primazia na formação da ação social.

Para Bourdieu ele é um conjunto de comportamentos, características e tendências incorporado pelo indivíduo ao longo de seu processo de socialização, levado a efeito dentro de determinados campos – familiar, escolar, esportivo, político. Estas disposições não só estão determinadas pelas condições sociais já presentes nestes campos ao longo do processo de socialização dos indivíduos, mas também participam da determinação das práticas a serem adquiridas por estes mesmos indivíduos.

O *habitus*, adquirido por imitação, reflete a forma como a cultura do grupo e a postura pessoal do indivíduo formatam seu corpo e sua mente e, em consequência, suas ações sociais.

Para Bourdieu o *habitus* representa o capital cultural incorporado ao indivíduo e direciona suas ações práticas e aspirações individuais. Neste caso ao indivíduo não restaria qualquer autonomia. No entanto para Bourdieu os acontecimentos sociais não possuem uma regularidade completa, e a ação do indivíduo ainda é dotada de um grau de autonomia que torna a ação social o produto da estrutura e do indivíduo: esta ação é mediada através da *habitus*, que equilibra o papel da estrutura e do homem.¹²

Elias, no entanto, prefere empregar este conceito para defini-lo como o saber social incorporado, a segunda natureza, não uma segunda natureza que já vem com o indivíduo, mas algo incorporado ao longo de um processo de formação social.

Para ele o *habitus* está em permanente mudança, de acordo com a dinâmica das classes sociais. Basta observar os movimentos das classes superiores, que ao longo do tempo criam novos padrões de comportamento para se diferenciar das classes mais baixas, as quais gradativamente passam a imitar os hábitos mais

¹² NORONHA, Gabriel Vieira. ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. **Elias e Bourdieu - Para uma sociologia histórica, ou seria uma história sociológica?** Revista Habitus: IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 47-58, 30 mar. 2008. Anual. Disponível em:<www.habitus.ifcs.ufrj.br>.

sofisticados. Esses padrões de comportamento vão deixando de ser conscientes para se tornar uma segunda natureza.

As discussões entre sociólogos holandeses a respeito do aumento da permissividade social verificada nas décadas de 1960 e 1970 na Holanda, coloca uma interrogação a respeito de que tendência estaria assumindo o processo de civilização europeu: estaria ocorrendo alteração no *habitus*, a direção até então observada estaria sendo invertida, estaria a sociedade se movimentando na direção oposta ao caminho da crescente civilização?

Dependendo do que se come, da forma como se come, do esporte que se pratica e dos ambientes que se frequentam, é possível através do *habitus*, das práticas sociais que ele determina, estabelecer a posição social do homem.

Este conceito foi amplamente utilizado por Elias ao longo de sua configuração do processo civilizatório, tanto na França e na Inglaterra quanto, e principalmente, na Alemanha. Neste país Elias, vinculou o sucesso do processo de ascensão da ideologia nazista às alterações do *habitus* nacional provocadas pelos acontecimentos então recentes da história alemã.

Os conceitos de *cultura (kultur)* e *civilização (civilization)* apresentam significados distintos: surgiram em épocas diferentes, e designam circunstâncias sociais particulares. O primeiro teve o emprego restrito à sociedade alemã e foi extensamente utilizado por Norbert Elias ao longo de sua obra *O Processo Civilizador*, enquanto que o outro, surgido no século XIII, referia-se de preferência à sociedade aristocrática francesa.

O conceito de cultura (*kultur*), conforme empregado pelos alemães, surgiu em oposição ao termo dos franceses, civilização, e pretendia negá-lo. A disputa seria entre a civilização e a cultura; esta representava a virtude autêntica, ou um conjunto de virtudes que eram praticadas por uma sociedade ideal como o amor à natureza e à liberdade, a rendição às emoções do coração sem os constrangimentos da razão, algo particular do sangue de origem ariana, exclusivo dos povos germânicos.

De outro lado civilização, surgido na França, em meio à aristocracia do século XVIII, representava um conjunto de procedimentos a serem seguidos pelos nobres que rodeavam os reis, a sua corte. Estes procedimentos foram se espalhando por quase todas as cortes europeias e seguidos por elas; tornaram-se um elemento de grande importância na diferenciação entre as classes aristocráticas europeias,

estando ainda presentes no mundo contemporâneo e empregados de diversas formas pelas classes mais altas.

Com a centralização dos elementos de poder – como as fontes de renda e propriedades –, todos voltando às mãos dos reis, as classes aristocráticas em decadência econômica foram aproximando-se do monarca, passando a orbitar em torno do poder central e a seguir padrões de comportamento cujo refinamento fossem compatíveis com a vida na corte. Tudo num movimento de busca de vantagens e privilégios que se perdiam com a ascensão da classe empreendedora burguesa.

Assim, ao final da Idade Média, as virtudes dos homens preparados para a guerra já não ocupavam espaço relevante no ambiente de corte e os comportamentos de cortesia e civilidade assumidos pelos nobres passaram ser buscados também pela burguesia em ascensão. Esta, ao invés de assumir valores próprios, passou a adotar os comportamentos da nobreza como forma de aproximação com o poder central e nesse processo usufruir da distribuição de vantagens que os monarcas promoviam, tanto em termos de títulos e propriedades, quanto no tocante a cargos de importância na administração do Estado.

O controle da guerra assumido pelos reis em função de seu enriquecimento possibilitou que o homem medieval, sobretudo os antigos nobres guerreiros combatentes, fossem direcionados para o processo de civilização, valorizando as boas maneiras e o culto da razão e da polidez, de modo a poder frequentar a corte e aproximar-se do poder. Tornavam-se urbanos e instruídos, se afastavam das guerras e da barbárie.

Nesse processo, as regras da corte francesa foram assumidas como padrão de comportamento aristocrático na Europa. Elas envolviam o controle rígido das emoções assim como a observação de comportamentos estritos de polidez e cortesia.

No tocante ao controle das emoções o homem civilizado deveria controlar seus instintos animais e sobretudo dominar suas vontades e desejos mais primitivos e violentos. A vida na sociedade de corte não comportava mais o tratamento grosseiro com as mulheres; no processo de valorização das mulheres a gentileza e o respeito passaram gradativamente a prevalecer. A sociedade europeia começava a se afastar do caminho da violência e da barbárie.

O comportamento à mesa, por exemplo, passou a incluir diversas práticas de higiene até então não observadas. As transformações sofridas nos hábitos e nas formas de comer e no comportamento geral na convivência social dão um exemplo da intensidade do processo de transformação da sociedade na passagem do feudalismo para a época moderna, para a chegada do capitalismo, para a era do predomínio da razão sobre as emoções e os instintos. Estes comportamentos primitivos foram gradativamente reprimidos através sobretudo da pressão que a sociedade impunha ao indivíduo, seja através das expressões de nojo seja pelo despertar da vergonha, a ponto de as forças do autocontrole passarem a predominar sobre as demais formas de repressão social.

É estabelecida uma relação entre a formação do Estado e a formação da consciência e autocontrole individuais, mostrando como a sociedade transforma ao longo do tempo a coação externa em auto coação.

Os primórdios do capitalismo mercantil trouxeram uma época de prosperidade para a burguesia nascente que procurou o caminho da integração com a sociedade dos nobres, seduzida pelos modos requintados e aristocráticos daquela classe tradicional. Almejava antes de tudo, através da riqueza acumulada, desfrutar dos mesmos privilégios dos nobres de corte. No entanto o caminho para chegar a fazer parte da aristocracia passava por antes tornar-se civilizado, de modo que esta ideia passou a permear todas as cortes da Europa, tornando a corte francesa uma referência para todas as outras.

Abria-se um processo civilizatório de longa duração que conduziria, através do predomínio da razão, à superação de obstáculos que eram impostos ao homem no caminho do progresso e que afastariam o homem civilizado das práticas da barbárie primitiva. Alguns acreditavam que esse progresso iria continuamente contribuir para o aperfeiçoamento das instituições, dos governos e da moral.

No entanto Elias não utiliza as noções de progresso, desenvolvimento e evolução como algo que necessariamente ocorrerá na sociedade com o decurso do tempo, conforme o pensamento filosófico predominante no século XIX. O caminho do progresso do homem racional não se produz apenas pela ciência e a moral no caminho do crescimento. Para ele mudanças estruturais que ocorreram e continuam ocorrendo na sociedade, que estão em andamento num lento processo de longa duração, acham-se relacionadas com os laços de interdependência e inter-relações que os homens desenvolvem entre si nas diversas configurações sociais. Este

processo não é intencionalmente guiado nem previsível, ele ocorre ao sabor dos comportamentos individuais e dos movimentos das estruturas (da sociedade).

Se olharmos para o século XVIII, na França, apesar das importantes transformações econômicas e sociais ocorridas, o processo civilizatório iniciado não foi subvertido; ao contrário ele se expandiu. Mesmo após a Revolução de 1789, que lançou algumas ameaças de restauração da barbárie, as ideias progressistas encontravam-se tão enraizadas no *habitus* do povo francês, que o processo de transformações que ocupa a longa duração, continuou se desenvolvendo, de modo que ainda conseguimos percebê-lo no século XXI, agora mesclado a inexplicáveis surtos de descivilização.

A partir da França, espalhando-se continuamente pelas cortes da Europa, a ideia de civilização penetrou igualmente na Alemanha, só que neste país através do conceito de cultura (*kultur*), o qual, diferentemente da civilização dos franceses condizia muito mais com a situação econômica e cultural que atravessava a nação alemã, recentemente abalada pelos efeitos da Guerra Dos Trinta Anos.

Após todo o transtorno e devastação causados por este conflito no território alemão, apesar de cultuarem o esplendor de riqueza e cultura da corte francesa, as cortes alemãs passaram por um processo de soerguimento baseado na crescente prosperidade de sua burguesia, que liderava a retomada com base em valores culturais e econômicos de origem alemã.

A admiração que o governante alemão Frederico II tinha pela cultura francesa levava a que em sua corte se falasse o francês e se praticassem outros costumes sociais próprios daquele país. Estas práticas se estendiam também aos membros da classe aristocrática alemã.

Não foi através de uma ligação estreita com a aristocracia, como na França, que a burguesia alemã promoveu um ressurgimento cultural alemão. Muito menos foi lançando mão de valores cultuados pelos franceses, como o refinamento e o luxo, que os alemães vieram a formar sua autoimagem de povo.

Ao contrário, foram os valores próprios do povo alemão, como a honestidade, a seriedade, o respeito e a lealdade – valores cultuados pela aristocracia alemã –, que foram ressaltados no ressurgimento literário promovido pela burguesia no movimento literário do romantismo alemão. Os valores cultuados neste movimento refletiam o desejo dos poderosos burgueses alemães, recém enriquecidos no processo de crescimento da economia alemã, – grandes banqueiros, industriais, e

altos funcionários do governo – de ingressar na aristocracia, na vida de corte, na proximidade do Kaiser: aqueles conceitos próprios das classes aristocráticas cujas raízes remontavam à essência das qualidades guerreiras dos povos germânicos. Eles constituíam uma volta a um passado glorioso e foram utilizados para a formação da identidade alemã, fator fundamental do processo de unificação nacional.

Nesse processo de formação do *habitus* alemão era repudiado aquilo que os germânicos chamavam de superficialidade da aristocracia francesa, sua frivolidade e leviandade de sentimentos, priorizando a capacidade intelectual e o desenvolvimento artístico. Criaram um novo ambiente social onde valores burgueses procuram absorver aqueles conceitos da *kultur* e dos valores aristocráticos alemães, se distanciando daqueles cultuados no âmbito do conceito francês de civilização.

Neste processo, entretanto, não podiam prescindir da tradição aristocrática e suas práticas culturais para a formação do conceito de povo alemão, em função de sua representatividade como um dos alicerces fundamentais da formação do *habitus* alemão. As classes médias construíram desta forma o enriquecimento cultural da classe burguesa por meio da valorização do papel das universidades na sociedade alemã, que as tornou a base para o crescimento econômico e cultural da nação: as universidades alemãs se tornaram os verdadeiros elementos que ensejaram o crescimento e a valorização intelectual do *habitus* alemão.

O termo *kultur* ganhou concretude para a classe média burguesa a partir do momento em que ao mesmo tempo a distinguiu e as aproximava da classe nobre. O *habitus* alemão começou a definir-se sem se afastar ou romper com a liderança dos nobres; e através do crescimento econômico e cultural os alemães adquiriam e ao mesmo tempo valorizavam seus atributos próprios: a língua alemã, o território, as qualidades reconhecidas, a cultura, a nobreza, e a partir das universidades passaram a constituir a identidade coletiva, com a qual se chegou à formação do Estado alemão, embebido em orgulho e nacionalismo. Os valores burgueses da *kultur* eram o contraponto dos valores medievais preservados pelas qualidades aristocráticas no processo de civilização.

Vale observar que foi pela literatura que a burguesia alemã se posicionou em face da aristocracia. O conceito de cultura incorporava várias características do povo alemão e foi por meio delas que, em contraposição à *civilization* francesa, ligada ao racionalismo e a noções aristocráticas de valorização das aparências e

frivolidades, a *kultur* reavivava termos caros à burguesia alemã, aos povos germânicos, como raça, pátria, território, etnia, sentimentos de amor. Estes conceitos estavam na base da noção alemã de nacionalidade.

Mas por outro lado, a busca da nacionalidade unificada também não pretendia envolver as camadas populares que, já iniciando seu processo de consciência de classe, causavam na burguesia e na aristocracia o temor pelas agitações e lutas por direitos políticos. Ainda não conectada ao círculo fechado da aristocracia e não desejando ligar-se ao povo, a burguesia alemã tomou para si a bandeira da nacionalidade e dos valores germânicos medievais relativos aos conceitos de língua, povo, raça, território para compor uma identidade coletiva capaz de dar suporte à luta pela formação da nação e a gestos futuros de patriotismo.

Norbert Elias considera que a noção de civilização está intimamente ligada à forma como o Ocidente vê a si mesmo. É com esta visão que o Ocidente entende que a civilização abrange o espaço de toda uma região do mundo mais desenvolvido que, ao englobar um conjunto significativo de países, notadamente europeus, os distingue como uma sociedade moderna, em oposição ao primitivismo de outras sociedades, antigas ou modernas, tidas como subdesenvolvidas.

O nível de avanço científico e tecnológico, a riqueza econômica, a prosperidade material destas regiões mais desenvolvidas, que as distingue como modelo da civilização ocidental, estão ligados ao surgimento deste dois conceitos, cultura e civilização. Ambos surgidos a partir das classes burguesas: na França, tentando assumir os valores próprios da aristocracia e na Alemanha, tomando rumo diferente, mas ainda assim aproveitando a seu modo ideias que se identificavam com o tradicional mundo aristocrático.

Ambos os casos, no entanto, se prestam para identificar uma diferença entre as marcas deixadas nas culturas que os empregaram. As suas origens e as decorrências de seu emprego mais acentuado por esta ou aquela cultura estão na base da explicação do desenvolvimento do processo de formação do mundo atual.

Capítulo 3 – Civilização e Descivilização

Na sua obra principal, *O Processo Civilizatório*, terminada em 1939, Elias descreve o processo através do qual o homem gradativamente se afastou da barbárie e caminhou no sentido da chamada civilização, tomando por base os acontecimentos sociais ocorridos na França a partir do século XIII.

Conjugado a este processo, descreve como se deu a formação do Estado Nacional na França. Mostra como os rendimentos dos senhores feudais, de tradição guerreira, baseados no preço fixo do arrendamento de suas terras, se desvalorizavam junto com a moeda. Ao mesmo tempo, crescia o poder econômico do rei, o principal senhor feudal, agora cada vez mais enriquecido pela incorporação de novas terras ao território que dominava, e pelas rendas dos impostos cobrados das florescentes atividades comerciais e artesanais, exercidas nas cidades em crescimento.¹³

Com renda em queda relativa, passa a nobreza rural a deslocar-se para o entorno do rei; esta nobreza guerreira transforma-se em uma nobreza cortesã, atraída pela centralização do poder nas mãos do rei, que passa então a ser o personagem que distribui cargos e regalias aos nobres, agora mais evidentemente submissos.

O papel do nobre como homem de armas ligado a senhores feudais mais poderosos – em função do enriquecimento do rei, que passa a poder custear a manutenção de seu próprio exército profissional em caráter permanente –, diminui de importância. As habilidades e destrezas militares que o faziam respeitado e valorizado, já não são tão relevantes numa sociedade de corte onde as regras de etiqueta e sofisticação social, o comportamento elegante, as vestimentas requintadas, o discurso mais erudito e a observância da moda e dos modos no trato com as mulheres são valorizados: o garfo estava substituindo a espada.

A crescente centralização do poder na figura do rei, conjugada com a valorização da vida na corte, irá possibilitar a formação não só do Estado moderno centralizado, mas também o processo de consolidação do *habitus* do povo francês,

¹³ As rendas dos senhores rurais, advindas dos arrendamentos das terras, mantinham-se fixas em termos nominais, e desvalorizavam-se com o crescimento dos preços. Por outro lado, os impostos do rei eram cobrados como percentagem dos valores dos bens e acompanhavam o crescimento das atividades econômicas, tendendo a manter o poder de compra real. (Elias, 2011)

que vai distingui-lo socialmente do caráter de outros povos como os alemães e os ingleses.

Embora não fosse o foco de sua análise, o autor realiza uma abordagem comparativa, na medida em que desde o início de sua narrativa chama a atenção para os aspectos que distinguem o processo francês do ocorrido na Alemanha, a partir sobretudo das definições de “civilization” e “kultur”. Aproveita para tecer também o entrelaçamento de sociogênese (transformações na estrutura da sociedade) com psicogênese (transformações na estrutura das personalidades dos homens), dentro de um processo de longa duração. Descreve as mudanças das estruturas sociais da sociedade francesa assim como as alterações do *habitus*, caracterizadas pelas novas regras de polidez e cortesia observadas nas cortes francesas.

Destaca como uma cadeia de acontecimentos pode formar processos sociais e novas configurações entre os indivíduos na medida em que os processos sociais e as estruturas de personalidade avançam de maneira indissociável.

Os Alemães, publicado em 1989, ano anterior ao do falecimento do autor, constitui de fato um conjunto de textos, conferências e artigos realizados por Elias ao longo de anos, e organizados por seu editor Michael Schroter. Nestes textos, Elias reforça a ligação que existe, no caso do processo de civilização alemão, entre a formação do estado moderno de um lado e o desenvolvimento do *habitus* nacional de outro. Não deixa de incluir para tanto menções ao caso holandês e ao modelo inglês.

Em resposta às críticas que sofreu como suposto adepto da teoria do evolucionismo social¹⁴, o autor mostra, ao contrário, que o processo civilizatório está sempre em perigo, ameaçado por retrocessos periódicos, nos quais períodos de crises de domínio da violência dão margem à formulação do conceito de descivilização. Para este a “descivilização” ocorre quando eliminamos as formas de autocoerção e coerção, já que estas são responsáveis por limitar as contingências das ações violentas.

¹⁴ Nesta teoria de caráter antropológico supõe-se que as sociedades se formam a partir de um estado primitivo e pouco a pouco se tornam mais civilizadas com o tempo, num processo evolutivo constante. O estágio primitivo está associado a comportamentos de natureza animal e o civilizado aos costumes próprios da cultura europeia do século XIX.

Nesse contexto ele enfatiza que de fato está tratando de um processo que pode se desenvolver através de sentidos diversos, em que acontecimentos diferentes, em movimentos de idas e vindas, podem conduzir a situações opostas ao sentido esperado, a caminhos impensados, como os surtos de violência desmedida experimentados pela humanidade no período do nazismo, caracterizado, entre outros, pelo fenômeno do holocausto.

É de surpreender que a descrição do processo civilizacional acontecia numa conjuntura em que os acontecimentos sociais se davam num sentido tendente a contradizê-lo. Assim, durante o período como aquele decorrido entre as Grandes Guerras Mundiais, ou naquele que abrangeu estas mesmas catástrofes em si – 1914-1918 e 1939-1945 –, seja na ocasião dos conflitos da guerra fria, ou até mesmo na época atual – com a emergência e desenvolvimento do terrorismo–, tudo parece lançar dúvidas quando emergem as idas e vindas e os perigos que ameaçam a lógica do processo civilizador. Os acontecimentos contradiziam a teoria, na medida em que é trazido para o centro do palco o fenômeno da violência, que aquele processo parecia ter equacionado.

Desde o início de suas pesquisas sociológicas, sobretudo ao comentar questões ligadas à psicogênese, Elias dialoga com Freud. Com relação à psique do homem, compartilha com este último autor a noção de que o ser humano possui afetos e paixões sobre os quais dominam seus impulsos irracionais e incontroláveis. Determinadas ações são irremediavelmente instintivas, não obedecem aos comandos da razão e da consciência.

Freud formula alguns processos através dos quais estas paixões e impulsos podem ser reprimidos. O processo de civilização tão coerentemente descrito por Elias parecia encontrar obstáculos que Freud localizava de modo inapelável na condição humana. Por mais que se buscasse na atividade civilizadora da sociedade, caracterizada pela repressão, pela educação, pelo processo de inculcar no homem a autocontenção que provoca o mundo da hipocrisia, no fim, o que reaparece, imbatível, acima do verniz civilizatório é o poder dos instintos primitivos, dos impulsos incontroláveis.

Ele apresenta caminhos alternativos ou atenuantes para o homem dos efeitos internos e externos do ‘mal-estar da civilização’, e descreve como saídas possíveis, entre outras, a dedicação compulsiva ao trabalho, às atividades altruístas, artísticas ou de afastamento da realidade, como o recurso às drogas. Em meio ao desespero

frente as perspectivas mostradas pelo desastre da Primeira Guerra Mundial, parece terem sido encontrados caminhos de fuga.

Elias, por seu lado, através da descrição do processo civilizador mostra que, de modo a poderem viver em paz uns com os outros em sociedade, os homens necessitam aprender a controlar seus instintos mais violentos. Ele descreve como o processo civilizatório conduz aos controles sociais: desde aqueles exercidos pela repressão imposta pelo Estado Moderno, ao autocontrole, todos atuando no sentido do aprimoramento da vida em sociedade. O autocontrole seria o resultado do aperfeiçoamento final daquele processo, o instrumento mais eficaz na luta contra a barbárie.

Elias, no entanto, foi testemunha de acontecimentos nos quais a ocorrência de violência atingiu níveis inimagináveis, principalmente numa época e numa nação de tão alto grau de desenvolvimento civilizatório como a Alemanha. Não havia, para Elias, uma explicação nem rápida nem fácil para os barbarismos perpetrados pelo governo nazista ao longo da Segunda Guerra Mundial com relação à perseguição a povos de etnias específicas como ciganos, eslavos, e principalmente os judeus.

A explicação mais cômoda talvez estivesse em considerar os fatos ocorridos como acontecimentos excepcionais, eventos pontuais frutos de um ambiente de conflitos específicos ou de um momento de guerra generalizada, quando a violência naturalmente atingiria dimensões incomuns. No entanto, Elias sai em busca de outras explicações e vai mergulhar na análise das condições sociais do século XX e no processo de formação do *habitus* do povo alemão resultado do processo de unificação da Alemanha.¹⁵ Neste caminho ele acaba por estabelecer uma ligação entre os fenômenos de violência ocorridos no período nazista e as características próprias do povo alemão. Este fato deve ter contribuído para que seu reconhecimento como autor importante na Alemanha se desse apenas na década de 1970.

O enfraquecimento do país face às outras nações europeias, como consequência das lutas internas em que se envolveram os vários pequenos estados decorrentes do desmembramento do Sacro Império Germânico, determinou a

¹⁵ Os comentários que se seguem foram baseados na leitura de Araujo Medeiros, Débora. **O Colapso da Civilização: as condições de possibilidade do nacional-socialismo segundo Norbert Elias.** (intuitio, ISSN 1983-4012. Porto Alegre, vol. 4, nº 2, nov. 2011, p. 87-102)

ocorrência de uma série de conflitos entre eles. Estes pequenos estados tornaram-se igualmente alvos de guerras e invasões por parte dos vizinhos mais ricos e poderosos que os circundavam, reforçando seu enfraquecimento.

Este quadro de lutas e disputas na região central do continente europeu, já devastada pela Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), acabou por marcar a autoimagem dos alemães. Nasce entre eles o receio de não conseguirem viver pacificamente entre si, e de permanecer para sempre fragmentados, pequenos e desunidos, vítimas de invasores mais organizados e poderosos, e esta noção se reforça com os avanços e vitórias napoleônicas pós 1808. Passaram a desejar, desta forma, o surgimento de uma liderança forte, como à época do Santo Império Germânico, que impusesse o fim das dissensões internas e assegurasse a proteção contra os inimigos externos – segundo Elias, um kaiser ou um fuhrer.

Com um passado marcado por discórdias e conflitos, os alemães tornaram-se avessos ao dissenso, sobretudo após o período de desordem e caos político e econômico que marcou os anos das décadas de 1920 e 1930. Neste período a profusão de partidos chegou a dificultar o entendimento entre as diversas correntes políticas em disputa. Os desgastes sofridos pelos alemães nesta época reforçaram o desejo de regressar ao período glorioso do I Reich, quando ordem e disciplina eram características marcantes do povo alemão, assim como a vontade de contar com uma liderança forte à qual competia tudo decidir. Este processo ocorre também em meio à formação do Império alemão. A aversão ao multipartidarismo, de natureza anárquica, abriu o caminho para a aceitação de um regime de partido único, para o surgimento do nacional-socialismo, que veio preencher um vazio deixado pela democracia parlamentar.

Para Elias, por força de suas características como povo, os alemães tendiam a ser, por natureza, inflexíveis e rígidos, e seguiam um código de conduta pessoal dominado pela necessidade de obediência total, que não admitia concessões à insubordinação. Esta condição, agregada ao sentimento de necessidade de desforra pelas derrotas que lhes haviam sido recentemente infligidas¹⁶, foi fundamental para que o governo nazista pudesse levar seus seguidores a perpetrar atos de extrema violência, minimizando a manifestação de qualquer ato de dúvida ou contestação.

¹⁶ Vale lembrar a derrota militar sofrida na Primeira Guerra Mundial, a dissolução do Império e os termos do tratado de Versalhes, amplamente explorados pelas lideranças nazistas como marcas da humilhação sofrida pelo “povo alemão”.

Formava-se um quadro em que os alemães delegaram sua capacidade de julgar por si próprios para o chefe de um governo forte e centralizador, que acenava com promessas de recuperação da glória passada, perdida num processo de humilhação do país. Transferiram então os alemães para o controle do Estado o controle de suas consciências.

Outra característica do povo alemão, ressaltada por Elias, e de que o nazismo se aproveitou, era a tendência a esperar sempre a derrota final em suas lutas, e isto o estimulava a combater obstinadamente pela defesa da pátria, inclusive exaltando o uso da violência e a morte heroica, numa reminiscência dos ideais próprios do romantismo.

Sobretudo após a derrota na Primeira Guerra Mundial, quando a memória das glórias vividas no II Reich (1871-1918) foram substituídas por uma realidade em que a Alemanha deixa de ser uma nação de primeira grandeza e perde seu império e sua posição de destaque no contexto internacional, abre-se espaço para o surgimento de sentimentos de vingança e de violência que foram explorados pela ideologia do nacional-socialismo no âmbito da Segunda Guerra Mundial.

Diante deste quadro, instala-se, num país que realizava enormes esforços para participar do rol dos países mais ricos e desenvolvidos do mundo no campo industrial, científico, tecnológico e cultural, um regime que, ao vislumbrar a impossibilidade de reconduzir este país à posição de destaque prometida, não hesita em recorrer à violência numa intensidade muito intensa.

Nesse contexto de ameaça de eclosão de processos de descivilização – onde ressurge a desordem sociais e o predomínio do recurso à violência para a solução dos conflitos sócias –, e em face das evidências cotidianas que nos são exibidas na mídia, surgem então caminhos através dos quais os processos civilizadores continuaram a se desenvolver, para incluir formas de controle das pessoas e de suas emoções mais perigosas, como a violência.

Coação externa, com a ação da violência pelo Estado, e autocontrole continuam para Elias com funções permanentes no processo civilizador, variando apenas o grau de emprego de cada uma em cada momento deste processo. Mas para ele é certo que em ambientes onde prevalece a ameaça constante por meio da violência, tende a enfraquecer-se o autocontrole: o nível de civilização tende a regredir com a necessidade de emprego da violência para o controle da sociedade. (ELIAS, apud Souza, p10).

Mas o amplo processo de civilização humana descrito por Elias durante o período de cinco séculos, permanece dominante, sem, no entanto, haver no entender do autor, razões para se acreditar que ele deva continuar assim. Não se encontram garantias de que haverá uma continuidade “automática” do processo, sem alterações de rumos ou resultados.

Existe sempre a possibilidade de alterações de rumo, e o sentido de uma direção específica para o processo será dado através do balanço a ser alcançado entre as ações de coações exteriores e o autocontrole. O crescimento do processo civilizatório é assegurado pelo controle das pulsões e instintos humanos, controle cada vez mais independente de ações externas: o crescimento do autocontrole assegurará à sociedade um maior equilíbrio na integração entre os indivíduos.

O campo em que alterações importantes se deram nesse sentido foi na forma de encarar as questões de agressividade e seu papel na vida da sociedade. Os padrões de agressividade, com ligação direta com as questões de violência, foram profundamente alterados desde a Idade Média, a ponto de antigos atos considerados normais e até esperados em espetáculos coletivos, se transformaram em mórbidos, grotescos e indesejados numa sociedade que adquiriu algum grau de civilização.

Controlar as emoções de natureza agressiva passou a significar adquirir hábitos pacíficos, reprimir rompantes de violência, a ponto de o indivíduo considerado violento ser identificado como portador de anormalidade patológica não aceita pela sociedade. A não aceitação da violência vem colocando as sociedades que regulam os instintos agressivos num patamar de civilização diferente, que torna a convivência entre os indivíduos mais harmoniosa do que naquelas, de ontem e de hoje, onde este procedimento não foi generalizado.

No entanto, embora o controle e a pacificação da violência possam ser observados, como Elias já havia constatado, o processo civilizatório comporta mudanças de direção, de modo que mesmo em períodos de aparente estabilidade, se o equilíbrio entre as ações dos controles internos (auto-regulação) e externos (ação de controle do Estado) for rompido, podem surgir surtos de violência.

O exercício da autodisciplina e a solução pacífica de conflitos internos na sociedade são as mais importantes condições para a pacificação social. Caso não observadas, elas abrem o espaço para o predomínio das coações externas como fator de regulação, para evitar desequilíbrios sociais e tensões que podem provocar a volta do predomínio da violência. Neste contexto a violência pode escapar ao

controle e o grau de insegurança aumenta na vida social. Sobe o risco da emergência de processos descivilizadores quando se alteram as relações de interdependência entre os homens.

Um dos sociólogos que dialoga com as ideias de Elias, Cas Wouters¹⁷, publica artigo¹⁸ em que analisa como processos civilizadores continuaram nos séculos XIX e XX e descreve

“como um processo de longa duração de formalização dos comportamentos e de disciplinamento de pessoas, no qual emoções perigosas, como aquelas relacionadas à violência física (incluindo a sexual) passaram ser evitadas, reprimidas e negadas de formas cada vez mais automáticas, isto é, por medos interiores de uma consciência bastante rígida e autoritária.” (Wouters, 2012, p.1).

Discute como em função do autocontrole dessas emoções perigosas nasceu uma personalidade de segunda natureza onde a consciência torna-se mais dominada, os comportamentos se tornam mais informais e as manifestações das emoções menos reprimidas. Descreve o aparecimento de uma terceira natureza, que pode se desenvolver em qualquer relação entre os indivíduos, abrindo as portas para um processo de integração social mais profunda.

¹⁷ Casparus “Cas” Wouters (1943-) é um sociólogo holandês formado pela Universidade de Amsterdã, que exerce a função de pesquisador na Universidade de Utrecht afiliado à Amsterdam School for Social Science Research. Escreveu sua dissertação, “Informalização”, a respeito das mudanças nos modos e costumes ocidentais de regulação das emoções no século XX. Nesse processo dialoga com o processo descrito por Norbert Elias na sua obra “O Processo Civilizatório”, que abrangeu o período do século XV ao século XIX.

¹⁸ “Como continuaram os processos civilizadores: rumo a uma informalização dos comportamentos e a uma personalidade de terceira natureza”. (Soc. estado. vol.27 no.3 Brasília Set./Dec. 2012)

Conclusão

A trajetória de vida de Norbert Elias, cuja infância, juventude e maturidade transcorreram em períodos de grandes conflagrações mundiais, quando o otimismo em determinadas fases não era o sentimento dominante, certamente trouxe uma influência marcante no desenvolvimento de suas ideias a respeito do crescimento do homem moderno como ser social.

Não obstante, seus estudos levaram-no a elaborar ideias a respeito do processo civilizatório e de sua evolução – em que movimentos de avanços e retrocessos sociais se alternam num tempo de longa duração, – nas quais se pode vislumbrar que, de modo diferente do otimismo racionalista do Iluminismo, haja espaço para o crescimento do bem-estar social e do aprimoramento da vida em sociedade.

Entretanto, os acontecimentos observados na sociedade nas últimas décadas do século XX e início do século XXI chegam por vezes a nos levar a pensar que este processo é no fundo bem mais longo e lento do que se pode imaginar, ou até mesmo que o seu fim “glorioso” pode ser inatingível.

O processo civilizatório parece passar por graves ameaças de retrocesso e o atingimento da felicidade esperado pelos iluministas enfrenta obstáculos tão diversos e poderosos que já se começa a vislumbrar que talvez a felicidade esteja afinal no mundo da simplicidade.

Hoje todos vivemos inquietos sob a ameaça de guerras das mais diversas naturezas: políticas, religiosas, locais, regionais, nas quais o fator econômico está sempre de alguma forma envolvido.

Os dias de hoje mostram que vivemos num momento em que ao mesmo tempo em que tudo se acelera; a velocidade dos avanços científicos, tecnológicos, as conquistas da medicina, da eletrônica, os resultados da agricultura, todos apontam para a possibilidade da extensão de benefícios para parcelas crescentes da população. Mas vivemos uma realidade em que cotidianamente verificamos a ocorrência de fatos que apontam no sentido contrário.

Os constrangimentos trazidos pelo processo civilizador não conseguem limitar as ações dos Estados a ponto de evitar que pequenos conflitos se

transformem em catástrofes regionais ou até mesmo que o desenvolvimento do fenômeno do terrorismo seja aplacado.

Os exemplos a nível mundial de fracassos do processo civilizacional são muitos e largamente relacionados ao papel desempenhado neste processo pelos Estados nacionais. Elementos essenciais que nortearam a definição do processo, passaram a não ser mais observados. Por exemplo, a redução da capacidade de o Estado desempenhar suas tarefas nas questões da segurança como monopolista da administração da justiça e da violência, indica que o processo não parece estar conseguindo assegurar o controle do homem sobre seus instintos destrutivos.

Para mencionar apenas um dos múltiplos exemplos que todos constatamos no dia a dia, sem muitas vezes nos dar conta dada a banalidade que está adquirindo, encontra-se o fenômeno da falência do Estado como garantidor da segurança da sociedade. Esta tarefa que lhe foi atribuída pelo conjunto dos indivíduos ao longo do processo civilizatório, quando para tanto abriram mão de parte de sua liberdade pessoal para transferi-la para a autoridade do Estado, parece estar tomando caminhos tortuosos.

Pode ser imaginável que após um processo de formação do território nacional, de sua delimitação, processo este indispensável para a definição de uma nação independente, pode o Estado admitir para seus próprios cidadãos a existência de bolsões territoriais aos quais aos poderes constituídos o acesso é vedado? Como explicar para a sociedade a impossibilidade dos poderes encarregados de assegurar a segurança da comunidade de exercer estes poderes a ele concedidos em espaços dentro de seus próprios territórios nacionais? Estamos todos sendo vítimas de invasões ‘internas’?

Está muito claro que sim, inclusive na medida em que os poderes do Estado Moderno assistem, praticamente impotentes, às disputas pela posse por estes bolsões territoriais não entre suas forças constituídas e invasores externos, mas entre facções da população que usurpam o poder de polícia e, como verdadeiras milícias invasoras, trazem a violência para dentro do território nacional. Algumas vezes quase passamos a duvidar que estamos passando por um processo civilizador de longo prazo de duração.

Mas observando os longos movimentos de idas e vindas que caracterizam os processos sociais, verificamos que as diferenças culturais, religiosas, econômicas, étnicas, parecem dificultar o entendimento e a harmonia social. As formas de

aproximação das culturas, e da consolidação de procedimentos sociais comuns que formam a tradição de um povo e consolidam seus habitus não estão conseguindo encontrar os caminhos de entendimento entre os homens: o isolamento dos indivíduos aponta para dificuldades de se harmonizar a vida em comunidade.

Tendência ao isolamento, ao individualismo, à posse excessiva de tudo, são características humanas que bloqueiam a descontração, a disposição ao entendimento entre os diferentes, ao atingimento de pontos em comum. Na vida moderna muitos já não escondem o temor da volta à descivilização, cujo processo se define exatamente pela retomada do recurso à violência como *modus operandi* das relações sociais.

Elias, passou por experiências de vida em períodos de catástrofes sociais dos quais parece que estamos nos aproximando cada vez mais. O valor de sua obra está de fato em apontar o caminho para o aprimoramento e prosseguimento do processo civilizatório que descreveu.

Este caminho, face às peculiaridades de nossa época, só poderá se consolidar na medida em a qualidade da vida em sociedade atinja dimensões compatíveis com problemas que hoje são enfrentados.

Extremismos nacionalistas, discriminações étnicas ou de qualquer outra natureza, barreiras sociais ou culturais que dificultem o entendimento e evitam a compreensão mútua dos diferentes grupos sociais necessitam ser eliminadas, e o aumento da preocupação dos homens uns com os outros, a compreensão do outro, o entendimento propiciado pelo diálogo como solução dos conflitos e a cooperação precisam crescer. Estas indicações que Norbert Elias formulou na sua obra final nos mostram o caminho por onde o processo civilizatório deve prosseguir, na busca da valorização da capacidade do homem de alcançar suas metas através do domínio de suas paixões mais instintivas.

Referências bibliográficas

ARAUJO MEDEIROS, Débora. **O Colapso da Civilização: as condições de possibilidade do nacional-socialismo segundo Norbert Elias**. (intuitio, ISSN 1983-4012. Porto Alegre, vol. 4, nº 2, nov. 2011, p. 87-102)

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Volume 1: uma história dos costumes. 2.ed. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 2011 (novo projeto).

_____. **O Processo Civilizador**. Volume 2: formação do estado e civilização. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____. **Os Alemães**: a luta pelo poder e a evolução do *habitus* nos séculos XIX e XX, Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FALCON, F. J. C. "Fascismo: novas e antigas ideias". In: **Fascismos**: conceitos e experiências. Org. Mauricio Parada. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

FALCON, Francisco e RODRIGUES, Antonio Edmilson. **A Formação do Mundo Moderno**: A construção do Ocidente dos séculos XIV ao XVIII. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2006.

KIRSCHNER, Teresa Cristina. **Lembrando Norbert Elias**, In: Textos de História, vol.7, nº 1/2, 1999.

MATTÉI, Jean François. **A barbárie interior. Ensaio sobre o i-mundo moderno**. São Paulo. Editora Unesp, 2002.

MAYER, Arno. **A força da tradição**: a persistência do Antigo Regime. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

NORONHA, Gabriel Vieira. ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. **Elias e Bourdieu - Para uma sociologia histórica, ou seria uma história sociológica?** Revista Habitus: IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 5, nº1, p.47-58, 30 de março 2008. Disponível em:<www.habitus.ifcs.ufrj.br>.

SOUZA, Carolina Baptista de. **Civilização e violência: Norbert Elias e a construção da teoria dos processos civilizadores para explicação da vida civilizada.** Artigo apresentado para o 38º Encontro Anual da Anpocs. Nº: 0859-1.

WAIZBORT, Leopold. **Questões não só alemãs.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 13, n. 37. São Paulo. Junho, 1998.

WOUTERS, Cas. **Como continuaram os processos civilizadores: rumo a uma informalização dos comportamentos e a uma personalidade de terceira natureza**". Sociedade e Estado. vol.27, no.3. Brasília. set/dec 2012.